

Àkúnlèyán e a inclusão transgênero no Candomblé: revisitando destino e identidade de gênero nas tradições afro-brasileiras

Jorge Alan de Souza Baloni¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v8i2.55405>

Resumo: Este artigo examina a relação entre tradição e inclusão no Candomblé, com foco na presença e aceitação de pessoas transgêneros nos terreiros. A partir do conceito iorubá de Àkúnlèyán, que se refere à escolha do destino antes do nascimento, o estudo explora como as normas tradicionais de gênero e a estrutura hierárquica dos terreiros muitas vezes excluem ou marginalizam identidades trans. Ao analisar o conflito entre a necessidade de preservar práticas ancestrais e a adaptação às demandas contemporâneas por justiça social e inclusão, o artigo discute a possibilidade de integrar plenamente as pessoas trans nas práticas e estruturas do Candomblé. Apesar da resistência de setores conservadores, movimentos contra-hegemônicos dentro da comunidade têm promovido debates sobre a inclusão e a adaptação das tradições, mostrando sinais de mudança e conscientização sobre a importância da diversidade de gênero.

Palavras-chave: Candomblé. Àkúnlèyán. Transgêneros. Inclusão. Tradição. Identidade de gênero.

Resumen: Este artículo examina la relación entre tradición e inclusión en el candomblé, centrándose en la presencia y aceptación de las personas transexuales en los *terreiros*. Basándose en el concepto yoruba de Àkúnlèyán, que se refiere a la elección del destino antes del nacimiento, el estudio explora cómo las normas tradicionales de género y la estructura jerárquica de los terreiros a menudo excluyen o marginan las identidades trans. Analizando el conflicto entre la necesidad de preservar las prácticas ancestrales y la adaptación a las demandas contemporáneas de justicia social e inclusión, el artículo discute la posibilidad de integrar plenamente a las personas trans en las prácticas y estructuras del Candomblé. A pesar de la resistencia de los sectores conservadores, los movimientos contrahegemónicos dentro de la comunidad han promovido debates sobre la inclusión y la adaptación de las tradiciones, mostrando signos de cambio y concienciación sobre la importancia de la diversidad de género.

Palabras clave: Candomblé. Àkúnlèyán. Transgénero. Inclusión. Tradición. Identidad de género.

¹ Universidade de Brasília. E-mail: seggvg@gmail.com.

Introdução

O Candomblé, como uma das religiões de matriz africana mais praticadas no Brasil, carrega em si uma rica tradição de sincretismo cultural e espiritualidade. Fundada sobre princípios ancestrais, essa religião tem uma estrutura hierárquica complexa, onde a tradição oral e os rituais desempenham papéis centrais na manutenção de sua identidade. Contudo, no contexto atual, marcado por intensas transformações sociais e debates sobre direitos humanos, a presença de pessoas transgêneros dentro dos terreiros de Candomblé levanta questões sobre inclusão, tradição e a adaptação dessas práticas religiosas às demandas contemporâneas. Essa presença não é um fenômeno novo, mas o debate sobre o papel e o lugar dessas pessoas dentro das estruturas rituais tem se intensificado recentemente, especialmente devido ao aumento da visibilidade dessas questões em sociedade e à resistência de alguns setores que defendem uma visão mais rígida e binária das práticas tradicionais (Nascimento, 2019).

No entanto, esses esforços são frequentemente limitados pela forte resistência de setores mais conservadores dentro das comunidades de terreiros, que veem qualquer alteração nas práticas tradicionais como uma ameaça à integridade da religião. Esse conflito entre a necessidade de mudança e a preservação da tradição cria um ambiente de tensão e incerteza, onde as pessoas trans são frequentemente deixadas em uma posição vulnerável e marginalizada. A aceitação plena das identidades trans no Candomblé, portanto, depende de um processo contínuo de diálogo e negociação, que reconheça tanto a importância da tradição quanto a necessidade de inclusão e justiça social (Butler, 2003).

Esse debate acalorado tem sua raiz na relação entre tradição e modernidade. Historicamente visto como uma religião acolhedora para aqueles que foram marginalizados pela sociedade dominante, incluindo negros, pobres e LGBTQIAPN+, enfrenta agora o desafio de conciliar suas práticas tradicionais com a aceitação plena das identidades trans. A resistência à inclusão dessas pessoas dentro dos terreiros não é meramente uma questão de tradição, mas também reflete uma ancoragem em valores patriarcais e ciscentradas que ainda permeiam a sociedade brasileira como um todo (Santos, 2008).

A estrutura hierárquica dos terreiros de Candomblé, que organiza funções e papéis com base em uma visão tradicional de gênero, muitas vezes exclui ou marginaliza aqueles cujas identidades de gênero não se alinham com as normas binárias de masculino e

feminino. Por exemplo, em muitos terreiros, as funções e responsabilidades são atribuídas com base no sexo biológico, e não na identidade de gênero, o que pode resultar na exclusão de pessoas trans de certos papéis ou na exigência de que elas desempenhem funções que não correspondem à sua identidade de gênero (Lemos, 2019). Essa prática não apenas marginaliza essas pessoas, mas também reforça uma visão conservadora que associa valor e competência espiritual à conformidade com normas de gênero tradicionais.

Um dos principais pontos de conflito em relação à presença de pessoas trans nos terreiros de Candomblé diz respeito às vestimentas rituais. As roupas e acessórios usados durante os rituais têm significados profundos e são frequentemente vinculados ao gênero da pessoa que os usa. Para uma pessoa trans, ser obrigada a usar vestimentas que não correspondem à sua identidade de gênero pode ser uma experiência profundamente alienante e dolorosa. Como aponta Nascimento (2019), essa imposição transcende a mera escolha de vestuário e reflete um processo de negação da identidade da pessoa dentro de um espaço que deveria ser de acolhimento espiritual.

Bastide (1971) observa que as religiões afro-brasileiras, incluindo o Candomblé, foram profundamente influenciadas pelas estruturas sociais impostas pelos colonizadores, que trouxeram consigo normas de gênero que muitas vezes estavam em desacordo com as práticas tradicionais africanas. Isso levou a uma adaptação das práticas religiosas, que incorporaram algumas dessas normas coloniais enquanto mantinham outras tradições africanas. O resultado é um sistema religioso que, embora profundamente enraizado nas tradições africanas, também reflete as influências externas que moldaram sua prática no Brasil. Esta análise de Bastide dialoga diretamente com o pensamento de Oyewùmí (2021), que demonstra como as sociedades africanas, especialmente a Iorubá, não tinham o gênero como categoria social organizadora antes da colonização. Assim como Bastide (1971) identifica a imposição de normas de gênero coloniais nas religiões afro-brasileiras, Oyewùmí (2021) evidencia como o processo colonizador introduziu e impôs categorias de gênero ocidentais em sociedades que operavam sob outras lógicas de organização social, como a senioridade. Ambos os autores, portanto, convergem ao apontar como o colonialismo transformou profundamente as estruturas sociais africanas originais, seja no contexto religioso brasileiro analisado por Bastide (1971), seja na sociedade Yoruba estudada por Oyewùmí (2021).

O problema da exclusão das pessoas trans dos espaços de poder e liderança dentro dos terreiros de Candomblé é igualmente preocupante. A tradição do Candomblé, com

sua ênfase na linhagem espiritual e no papel dos mais velhos, muitas vezes não deixa espaço para a liderança trans, limitando essas pessoas a papéis subalternos ou simbólicos. Essa exclusão não só impede que as pessoas trans participem plenamente da vida religiosa, mas também priva a comunidade mais ampla da riqueza de experiências e perspectivas que essas pessoas podem trazer para os rituais e práticas espirituais (Birman, 2005).

Apesar dessas barreiras, existem sinais de mudança dentro da comunidade do Candomblé. Movimentos contra-hegemônicos têm surgido em várias casas de axé, promovendo debates sobre a inclusão de pessoas trans e questionando as normas tradicionais de gênero. Essas iniciativas, embora ainda minoritárias, indicam uma crescente conscientização sobre a necessidade de adaptar as tradições do Candomblé às realidades sociais contemporâneas e de acolher a diversidade de gênero como parte integrante da espiritualidade e da prática religiosa (Santos e Dallapicula, 2020).

A resistência à inclusão de pessoas trans nas tradições religiosas afrodiáspóricas também pode ser vista como parte de um fenômeno mais amplo de exclusão social e marginalização de grupos que não se enquadram nas normas dominantes de gênero e sexualidade. No Brasil, um país com uma longa história de violência contra a comunidade LGBTQIAPN+, a exclusão das pessoas trans dos espaços religiosos é uma extensão da discriminação e violência que elas enfrentam em outros aspectos de suas vidas. Essa exclusão não apenas reforça as desigualdades existentes, mas também perpetua uma cultura de preconceito e intolerância que marginaliza e desumaniza as pessoas trans (Mendes e Silva, 2020).

Ao considerar essas mudanças e a importância da inclusão, é relevante também discutir o conceito de destino individual segundo a cosmologia iorubá, uma das bases do Candomblé. Na tradição iorubá, acredita-se que cada ser humano nasce com um destino pré-determinado que guia a trajetória de vida e as escolhas espirituais de cada indivíduo. Este destino é único e personalíssimo, refletindo a individualidade de cada ser, e é escolhido antes do nascimento em conformidade com as forças cósmicas e os orixás. Assim, a inclusão plena de pessoas trans no Candomblé não deveria apenas respeitar a diversidade de gênero, mas também se alinhar-se com a crença de que cada pessoa tem um destino específico que deve ser honrado e vivido plenamente, independentemente de sua identidade de gênero.

Nesse contexto, o conceito de *Àkúnleyán*, que enfatiza a coletividade, o respeito e a aceitação das diferenças, torna-se crucial. Ele reforça a ideia de que a verdadeira força

do Candomblé reside na união e na diversidade de seus membros. Ao integrar as pessoas trans nas práticas e estruturas religiosas, a comunidade do Candomblé não só se mantém fiel a esses princípios, mas também fortalece seu papel como um espaço de acolhimento e resistência contra as opressões sociais. Dessa forma, tanto o Ori quanto *Àkúnlèyán* são fundamentais para guiar a adaptação das tradições do Candomblé às demandas contemporâneas, garantindo que a religião continue a ser um espaço de acolhimento e crescimento espiritual para todos os seus membros.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada nas perspectivas decoloniais e na metodologia afrocentrada. A análise se baseia em uma revisão bibliográfica crítica, com ênfase na afroperspectivismo, conforme proposto por Nogueira (2019), que valoriza as epistemologias africanas e afro-diaspóricas, permitindo uma reflexão sobre as questões de gênero e tradição religiosa no contexto afro-brasileiro. A investigação é conduzida principalmente por meio de análise documental, focando em textos filosóficos iorubás e literatura especializada sobre o Candomblé. Autores como Oyewùmí (2021), Gbadegesin (1998) e Bastide (1971) constituem a base teórica para discutir as intersecções entre identidade de gênero e práticas religiosas afro-brasileiras.

Além disso, a pesquisa emprega a metodologia do "corpo-testemunha" de Leda Maria Martins (1997), que considera o corpo como um portador de memórias e saberes ancestrais, fundamental para compreender as dinâmicas de gênero no contexto religioso afro-brasileiro, onde o corpo desempenha papel central na construção de significados. O método hermenêutico-fenomenológico é utilizado para interpretar os conceitos iorubás de *Àkúnlèyán* e Ori, explorando suas implicações na compreensão da transgererdade nos terreiros. A pesquisa também adota um método comparativo, dialogando entre diferentes tradições filosóficas, como as filosofias platônica e iorubá, com ênfase nas noções de reencarnação e destino. Esse conjunto metodológico contribui para uma análise abrangente das questões de gênero e identidade dentro das práticas e crenças do Candomblé, promovendo uma compreensão mais ampla da relação entre religião, corpo e identidade nas tradições afro-brasileiras. A abordagem escolhida demonstra um compromisso com a descolonização do conhecimento acadêmico, privilegiando perspectivas e métodos que emergem das próprias comunidades estudadas.

Uma análise de ori e suas implicações metafísicas em indivíduos transgêneros.

Akónlègbá ló wà lówó èdá, kò sógbón owó, kò sógbón omo. Áyànmó mi, kò sí eni tó lè yí padà.
Tradução: Aquilo que é escolhido de joelho, o criador mantém. Não há outros meios de conseguir dinheiro, não há outros meios de conseguir filhos. Meu destino é meu, ninguém pode alterá-lo.

A concepção de destino entre os iorubás é enraizada em suas crenças metafísicas e cosmológicas, revelando uma complexa interseção entre a autonomia individual e a predestinação divina. No pensamento iorubá, o destino humano é indissociavelmente conectado ao conceito de Ori, entendido como a "cabeça interior", sendo esta considerada a portadora do destino pessoal. Segundo essa perspectiva, a constituição humana é tripartida, composta por ara (corpo), emi (alma) e Ori inu (cabeça interior ou destino), destacando a preeminência do Ori como o elemento que carrega e manifesta o destino individual. Trago novamente essa concepção aqui para relembrar que Ori é a divindade que sobrepõe qualquer outra, principalmente no poder de decisão.

Essa estrutura tripartida sublinha uma diferença essencial entre a visão iorubá e o dualismo cartesiano, onde Ori assume um papel crucial na determinação da trajetória de vida do indivíduo. Diferente da dicotomia corpo-alma do pensamento cartesiano, a visão iorubá oferece uma compreensão mais integrada e dinâmica do ser humano, enfatizando a interdependência entre os três componentes constitutivos. Essa abordagem holística reflete uma visão de mundo onde a individualidade e a essência espiritual são interconectadas, moldando a existência de cada pessoa de maneira única e irrevogável (Abimbola, 1981; Gbadegesin, 1984; Makinde, 1985; Salami, 2002).

A profundidade dessa concepção filosófica ressalta não apenas a riqueza cultural dos iorubás, mas também a complexidade de suas interpretações sobre a vida e o destino humano. Estudos antropológicos e filosóficos têm se debruçado sobre essas crenças, elucidando como a integração do Ori na estrutura ontológica do ser humano iorubá oferece uma perspectiva singular sobre a agência individual e a ordem cósmica. Desta forma, o estudo da concepção de destino entre os iorubás contribui significativamente para uma compreensão mais ampla e diversificada das filosofias africanas e suas implicações para o entendimento da condição humana.

Essa visão iorubá sobre o destino também nos proporciona uma oportunidade de explorar as inter-relações entre religião, cultura e filosofia na África Ocidental. O papel central do Ori na determinação do destino humano sugere que, para os iorubás, o destino não é um conceito passivo, mas uma força ativa que guia e molda a vida de cada indivíduo. Além disso, a importância atribuída ao Ori revela uma dimensão ritualística e prática significativa dentro da sociedade iorubá. A manutenção e a honra do Ori são frequentemente expressas através de práticas religiosas e rituais específicos, que incluem oferendas e consultas aos oráculos, como o Ifá, para obter orientação e assegurar o alinhamento com o destino desejado. Tais práticas destacam a crença na possibilidade de influenciar ou melhorar o próprio destino através de uma vida devota e harmoniosa com as forças espirituais.

O entendimento do destino entre os iorubás não se limita ao indivíduo, mas também está profundamente enraizado na comunidade. O Ori de uma pessoa está em constante interação com os Oris de outros membros da comunidade, criando uma rede complexa de influências e interdependências. Essa interconectividade reflete a visão de que o destino individual não pode ser completamente compreendido isoladamente, mas deve ser visto dentro do contexto das relações sociais e comunitárias.

Quando comparamos a concepção de destino dos iorubás com outras filosofias africanas, notamos tanto semelhanças quanto distinções marcantes. Por exemplo, entre os povos Akan de Gana, há uma crença similar em uma entidade que governa o destino individual, conhecida como "kra". No entanto, as práticas e os entendimentos específicos podem variar significativamente, refletindo a diversidade de pensamentos e crenças dentro do continente africano. Ainda assim, comparando com as outras diversas culturas africanas tomamos a exemplo os Ashanti de Gana que entendem o destino como intimamente ligado à influência dos ancestrais. Conforme Mbiti (1969), os espíritos dos antepassados, conhecidos como "Nananom Nsamanfo", são vistos como guias que influenciam diretamente a vida dos vivos. Através de rituais e oferendas, os Ashanti procuram a orientação e a proteção dos seus ancestrais para assegurar um destino favorável. Essa ligação estreita com os ancestrais destaca uma visão de destino mais coletiva e mediada por entidades espirituais familiares.

Entre os Maasai, o destino é frequentemente relacionado à estrutura social e aos papéis dentro da comunidade. A sociedade Maasai é altamente estratificada, com rituais de passagem que marcam a transição entre diferentes fases da vida. Esses rituais não apenas determinam o papel social de um indivíduo, mas também são vistos como

momentos críticos que moldam seu destino (Mbiti, 1988). Esse enfoque na estrutura social e nos papéis comunitários destaca um destino moldado por normas sociais e culturais.

Para os Zulus, a influência dos espíritos ancestrais é igualmente significativa. Os Zulus acreditam que os "amadlozi" (espíritos ancestrais) desempenham um papel crucial na determinação do destino, afetando desde a saúde até o sucesso nas batalhas. Os curandeiros, ou "isangomas", são vitais na interpretação dos sinais dos espíritos e na orientação dos indivíduos em suas vidas (Parrinder, 1954). Aqui, vemos um destino fortemente influenciado por forças espirituais externas, similar aos Ashanti, mas com uma ênfase distinta nos curandeiros como mediadores.

Os Igbo possuem uma visão dualista do destino através do conceito de "Chi". Cada indivíduo possui um Chi, um espírito pessoal que determina seu destino. No entanto, a realização desse destino também depende das ações e do esforço individual. Esta interação entre o pré-determinado e o livre-arbítrio é um elemento central na filosofia Igbo (Anizoba, 2008). Comparado com os Iorubás, que enfatizam um destino escolhido espiritualmente, os Igbo destacam a coexistência de predestinação e esforço pessoal contínuo.

Essas diversas perspectivas sobre o destino nas culturas africanas ilustram uma variação de crenças e práticas, refletindo a profunda espiritualidade e a complexidade das estruturas sociais do continente. A visão de destino não é apenas uma questão de crença individual, mas também de práticas comunitárias e religiosas que abrangem a totalidade da existência humana. Em comparação, enquanto os iorubás focalizam um destino escolhido espiritualmente, muitas outras culturas africanas, como os Ashanti e os Zulus, enfatizam a mediação dos ancestrais e espíritos, e os Igbo combinam predestinação com a agência individual, demonstrando a variabilidade e a riqueza das tradições africanas.

Estudar essas concepções tradicionais de destino tem implicações importantes para a compreensão das identidades e espiritualidades africanas contemporâneas. Em um mundo cada vez mais globalizado, onde as culturas se encontram e se transformam mutuamente, o reconhecimento e a valorização dessas tradições filosóficas oferecem um contraponto essencial às narrativas dominantes e frequentemente eurocêntricas. Além disso, tais estudos podem informar práticas modernas de desenvolvimento comunitário e resolução de conflitos, proporcionando insights valiosos sobre como as sociedades podem equilibrar a autonomia individual com o bem-estar coletivo.

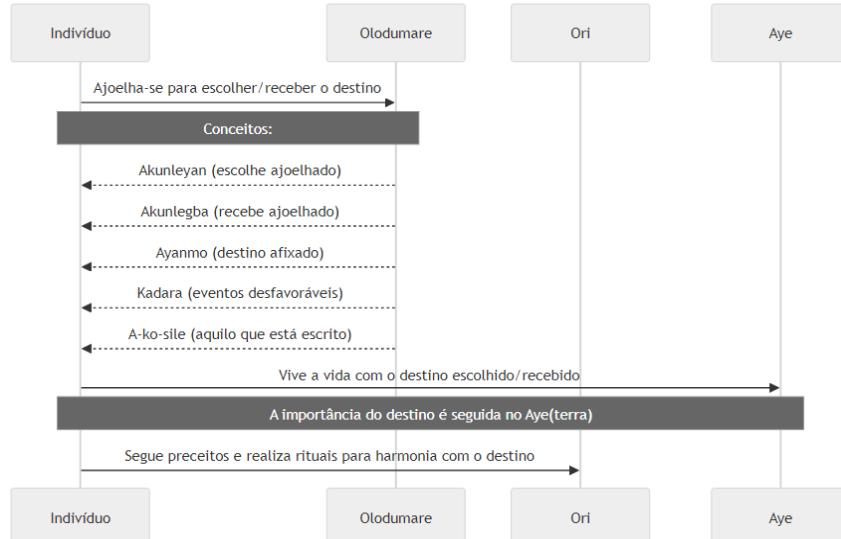
Para os iorubás a escolha do destino ocorre no Òrún (céu), onde o indivíduo, antes de nascer, ajoelha-se diante de Olódùmarè, o Ser Supremo, para selecionar ou receber seu destino. Esse ato é representado pelos conceitos de Akúnlèyàñ (o que se escolhe ajoelhado), Akúnlégbà (o que se recebe ajoelhado) e Ayànmọ (o que é destinado a alguém). Akúnlèyàñ sugere uma escolha ativa, onde o indivíduo conscientemente escolhe seu destino. Bolaji Idowu afirma que tudo o que é conferido nesse momento torna-se inalterável e define a trajetória de vida de uma pessoa, refletindo a irrevogabilidade dessa escolha (Idowu, 1994). Refere-se à escolha pré-natal do destino por parte do indivíduo. Antes de nascer, cada alma tem a oportunidade de escolher seu próprio destino na presença de Olódùmarè, a divindade suprema. Esse momento de escolha é um ato crucial que determina o curso da vida do indivíduo, incluindo seus desafios, sucessos e lições a serem aprendidas. O processo de Akúnlèyàñ enfatiza a agência do indivíduo mesmo antes do nascimento. Essa ideia de uma escolha consciente do próprio destino destaca a visão iorubá de que a vida não é meramente um conjunto de circunstâncias impostas, mas sim um caminho deliberadamente selecionado pelo próprio ser espiritual. Esse conceito adiciona uma camada de responsabilidade pessoal, uma vez que os iorubás acreditam que os infortúnios ou sucessos que uma pessoa experimenta são, em parte, decorrentes das escolhas feitas antes de encarnar.

A doutrina do Akúnlèyàñ também cria uma interessante tensão entre predestinação e livre arbítrio. Embora o destino seja escolhido antes do nascimento, os iorubás acreditam que as ações e decisões tomadas ao longo da vida podem influenciar o cumprimento desse destino. Assim, enquanto o Ori carrega o destino escolhido, a forma como este se manifesta está sujeita às ações do indivíduo, às influências externas e às intervenções espirituais.

O conhecimento sobre Akúnlèyàñ e o destino em geral é frequentemente transmitido através dos Itan², as histórias e mitos sagrados dos iorubás. Essas narrativas desempenham um papel fundamental na educação e orientação espiritual, oferecendo exemplos de como os indivíduos podem alinhar suas vidas com seus destinos escolhidos. Os Itan não são apenas histórias morais, mas também ferramentas de instrução que ajudam a comunidade a compreender e navegar as complexidades do destino e da vida.

² O termo *Itan* é invariável, mantendo-se no singular mesmo quando utilizado para designar o plural. Refere-se ao conjunto de mitos e lendas do panteão africano, que narra histórias integradas por canções, danças, rituais e ensinamentos. Para o povo Iorubá, o *Itan* é considerado uma verdade absoluta sobre a criação do mundo, sendo profundamente respeitado por sua transmissão oral ao longo das gerações, preservada e ensinada pelos mais velhos.

Figura 1 – A importância do destino.



Fonte: Imagem do autor.

Os oráculos, especialmente o sistema de adivinhação Ifá, desempenham um papel essencial na interpretação e alinhamento do destino. As consultas aos babalawós³ (sacerdotes de Ifá) são práticas comuns para obter insights sobre o destino e receber orientações sobre como agir em conformidade com o Ori. Essas consultas podem ajudar a mitigar conflitos entre o destino escolhido e os desafios encontrados na vida cotidiana, permitindo ao indivíduo fazer ajustes necessários através de rituais e oferendas.

Em contraste, Akúnlégbà implica uma recepção passiva do destino, onde o indivíduo simplesmente recebe o que lhe é dado, sem participação ativa na sua formação, enfatizando a noção de um destino forte e predeterminado (Gbadegezin, 1998; Idowu, 1994).

Vejamos nos versos que Bolaji Idowu⁴ descreve:

1. Akunlèyàn ni ad'aiyébá
2. A kunlè a yàn'pín
3. A d'aiyé tán ojú nro ni

³ A palavra "babaláwo" (às vezes transliterada como "babalao") vem do iorubá e significa literalmente "pai do segredo" ou "pai do conhecimento oculto"

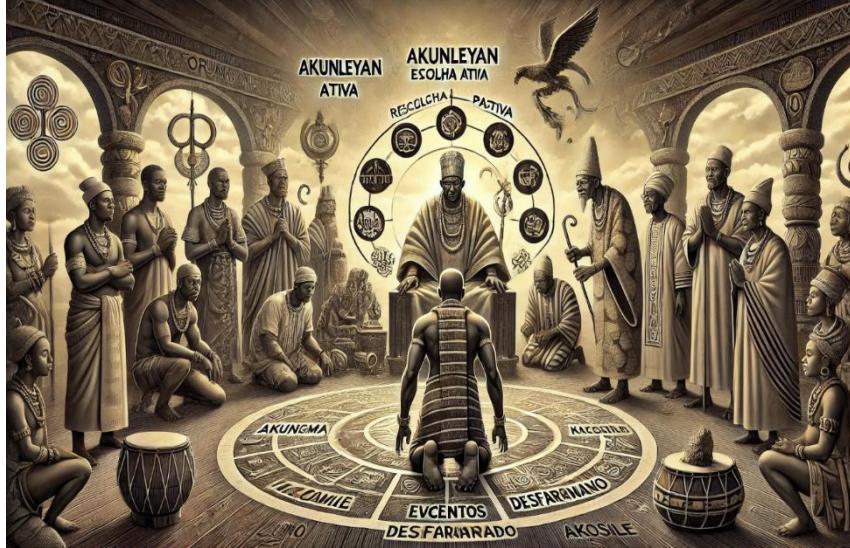
⁴ Bolaji Idowu foi um proeminente teólogo e estudioso nigeriano. Idowu é amplamente reconhecido por seus trabalhos sobre a religião tradicional iorubá. Ressalta-se que foi um bispo da Igreja Metodista (cristão) na Nigéria e um acadêmico de renome na área de estudos religiosos. Apresentou Olódùmarè como a divindade suprema na cosmovisão iorubá. Sua abordagem foi pioneira ao tratar as religiões africanas com a mesma seriedade e respeito concedidos às religiões abraâmicas, desafiando preconceitos e promovendo uma maior compreensão intercultural. Idowu enfatizou a importância da religião tradicional iorubá não apenas como um sistema de crenças espirituais, mas também como um componente essencial da identidade cultural e social dos iorubás.

1. O que escolhemos ajoelhando, é o que fazemos no mundo
2. Nós ajoelhamos e escolhemos uma porção
3. Estamos no mundo, mas não estamos satisfeitos.
4. Akunlègbà l'o wà l'òwo èdā:
5. Kò s'ogbón owó,
6. Kò s' ogbón omo
4. Aquilo que a pessoa escolhe ajoelhado, é o que ela tem
5. Não há outro meio de ter dinheiro
6. Não há outro meio de ter filhos
7. Ayànm'o gb'ögùn
7. O que afixado para alguém, não pode ser retificado com medicina

A importância da escolha do destino é sublinhada pela crença de que esta determinação afeta diretamente a vida do indivíduo no Ayé (terra). Ayànm'o, por exemplo, representa um destino imutável e predeterminado, imposto sem a participação ativa do indivíduo, frequentemente associado a resultados tanto positivos quanto negativos. Esse conceito sugere que a prosperidade ou adversidade de uma pessoa é um reflexo direto da vontade divina de Olódùmarè (Gbadegesin, 1998). Além disso, o termo Kádàrá é frequentemente utilizado para descrever eventos desfavoráveis na vida de uma pessoa, reforçando a ideia de que certos aspectos do destino são inevitáveis e predeterminados (Gbadegesin, 1998; Abimbola, 1981). O conceito de Kádàrá ocupa uma posição central, simbolizando a complexa interação entre destino e livre-arbítrio na existência humana. Kádàrá é concebido como um destino preestabelecido, uma trajetória de vida que cada indivíduo está destinado a seguir desde o nascimento. Conforme a tradição iorubá, ele é influenciado tanto pelos Orixás quanto pelas decisões individuais ao longo da vida, representando uma interação dinâmica entre fatores espirituais e terrenos. Filosoficamente, o conceito de Kádàrá suscita questões sobre o livre-arbítrio e a predeterminação na vida humana. Apesar da aparente contradição entre destino predefinido e autonomia individual, na visão iorubá, o Kádàrá é percebido como uma orientação flexível, moldada pelas escolhas e ações do indivíduo. Essa dualidade entre destino e livre-arbítrio proporciona uma compreensão mais profunda da complexidade da experiência humana.

A irrevogabilidade do destino é também expressa no conceito de Àkósílè, que significa "aquilo que está escrito", indicando que tudo o que está registrado sobre uma pessoa no céu inevitavelmente ocorrerá (Idowu, 1962).

Figura 2 – Akuleyan, a escolha do destino.



Fonte: Imagem do autor.

“O o mo ‘bi olori gbe yanri o. O ba lo yan tie O o mo ‘bi Afuwape yanri o, O ba lo yan tie Ibikan naa la ti gbe yanri o Kadara o papo ni” “Se você escolher aquele que conhecerá como areia de Afuwape⁵, se escolher o lugar onde colocamos a areia, vocês estão destinados a ficar juntos”

1. **Àkúnleyán - Escolha Ativa:** Representa a ação do indivíduo escolhendo seu destino de forma consciente e ativa.
2. **Akunlegba - Recepção Passiva:** Mostra o indivíduo recebendo seu destino de Olodumare sem participação ativa na sua formação.
3. **Àyànmó - Destino Predeterminado:** Um caminho fixo indicando um destino imutável e predeterminado, que o indivíduo não pode alterar.
4. **Kadara - Eventos Desfavoráveis:** Simboliza os eventos inevitáveis e desfavoráveis que fazem parte do destino da pessoa.
5. **Àkósilé - Destino Escrito:** Indica que tudo o que está registrado no céu sobre uma pessoa inevitavelmente ocorrerá na sua vida.

Para cumprir seu destino na terra, os iorubás acreditam que o indivíduo deve seguir os preceitos estabelecidos pelo seu Ori e realizar os rituais apropriados para manter

⁵ Afuwape surge nos mitos iorubás como uma figura central na narrativa da criação do ori (cabeça/destino). Segundo a tradição oral, ele foi escolhido pelos orixás para uma importante missão no ayé (mundo físico). Em um momento crucial, quando a humanidade precisava escolher seus Oris no orun (mundo espiritual), Afuwape demonstrou extraordinária sabedoria ao consultar Orunmilá antes de fazer sua escolha. Esta decisão estabeleceu um precedente fundamental que influenciou profundamente os rituais e práticas divinatórias iorubás, especialmente aqueles relacionados ao Ifá.

a harmonia com seu destino. O cumprimento desse destino é visto como uma jornada contínua de alinhamento com as forças espirituais e de realização do potencial predestinado. Assim, a concepção iorubá do destino combina elementos de escolha e predestinação, destacando a responsabilidade individual de compreender e cumprir seu destino enquanto reconhece a inevitabilidade da vontade divina que permeia toda a existência humana.

Esse alinhamento com o destino é facilitado por práticas espirituais e rituais específicos que ajudam o indivíduo a manter a conexão com seu Ori e a harmonizar-se com seu Ayànmọ. Por exemplo, o ritual do Ebóri é realizado para reverenciar e fortalecer o Ori, buscando corrigir qualquer distúrbio que possa afetar a realização do destino. Através de oferendas e consultas aos oráculos, os iorubás acreditam que podem mitigar os efeitos de um destino adverso e potencializar os aspectos positivos do Akúnlèyàn e Akúnlégbà. Este processo ritualístico sublinha a crença na possibilidade de intervenção espiritual e na flexibilidade de certos aspectos do destino, embora Ayànmọ permaneça imutável (Abimbola, 1976; Adeoye, 1979).

Outro aspecto importante é a influência de Eleda, o criador pessoal de cada ser, que trabalha em conjunto com Olódùmarè. Eleda ajuda na formação do Ori e, por extensão, no destino do indivíduo. A relação entre o ser humano e Eleda é mantida através de práticas devocionais e rituais, que asseguram que o indivíduo esteja em harmonia com seu propósito divino. Eleda pode ser interpretada como a divindade pessoal ou criador associado a cada ser humano. Acredita-se que cada pessoa possui um Eleda que supervisiona e orienta seu Ori. Assim, Eleda, em conjunto com o Ori, assegura que o destino previamente escolhido seja alcançado, proporcionando orientação espiritual e proteção contínua ao longo da vida.

Abro um parêntese aqui para frisar que através da pesquisa de Segun Gbadegesin, apresentada no documento "Para uma Teoria do Destino," explora profundamente o conceito de destino na filosofia iorubá, centrando-se no conceito fundamental de "Ori" tratando-o metaforicamente como o portador do destino individual (Gbadegesin, 1998). Gbadegesin investiga a complexidade desse conceito, analisando diversas narrativas tradicionais e questionamentos filosóficos emergentes das crenças iorubás.

No “Corpus dos Odus”⁶, base do sistema divinatório iorubá, duas histórias principais ilustram o papel do "Ori" no destino de uma pessoa. A primeira, do Odu

⁶ Coleção de versos que constitui a base do sistema divinatório Iorubá.

Ogbegunda, narra como o "Ori" é escolhido no céu antes do nascimento e é irrevogável. A segunda, do Odu Ògündà Meji, enfatiza a importância do "Ori" como o único elemento que acompanha uma pessoa até o túmulo, destacando que, enquanto outros deuses podem se afastar, o "Ori" permanece constante.

Gbadegesin levanta questões fundamentais para compreender o conceito de destino: a equivalência entre a escolha do "Ori" e o destino, a existência de uma escolha genuína, o papel da responsabilidade, a possibilidade de entrelaçamento de destinos, o impacto da reencarnação, a existência de destinos pessoais e comunitários, e a racionalidade da crença no destino (Gbadegesin, 1998).

Finalmente, Gbadegesin (1998) aborda a racionalidade da crença no destino, argumentando que, embora a crença possa fornecer sentido e consolo, ela deve ser avaliada filosoficamente quanto à sua coerência, consistência com outras crenças e compatibilidade com a realidade prática.

Assim, Gbadegesin sugere que a crença no destino, conforme articulada pela filosofia iorubá, é um campo fértil para investigação filosófica. Ele destaca a necessidade de um exame filosófico contínuo e rigoroso para abordar as várias questões e inconsistências inerentes à teoria do destino, reconhecendo sua importância na vida social e cultural dos iorubás.

A crença na reencarnação e na imortalidade da alma na filosofia iorubá levanta questões sobre a continuidade ou renovação do destino em vidas subsequentes. Gbadegesin sugere que a visão tradicional não resolve claramente se o destino é contínuo ou se cada reencarnação implica um novo destino. A exploração das crenças sobre a reencarnação e a imortalidade da alma revela um interessante ponto de comparação entre a filosofia platônica e a tradição iorubá. Platão, em sua obra "A República", apresenta no mito de Er uma visão detalhada sobre a escolha do destino pelas almas. Nesse mito, as almas, após a morte, são reunidas em um local onde são chamadas a escolher suas próximas vidas dentre uma série de opções pré-determinadas. Esse processo de escolha é fundamental, pois reflete a crença de Platão no livre arbítrio e na capacidade das almas de determinar seu futuro com base nas experiências e aprendizados acumulados em vidas passadas. A seleção dos destinos é influenciada pelas virtudes e vícios adquiridos, o que sugere uma continuidade do desenvolvimento moral e espiritual da alma (Platão, 2006).

Em contraste, a filosofia iorubá, conforme discutida por Gbadegesin, aborda a reencarnação e a imortalidade da alma de maneira que levanta questões complexas sobre a continuidade ou renovação do destino. A visão tradicional iorubá, embora rica e

complexa, não oferece uma resolução clara sobre se o destino (ou "Ori") é algo que se mantém constante ao longo das reencarnações ou se é redefinido a cada nova vida. Esta ambiguidade sugere uma dinâmica diferente da apresentada por Platão, onde a certeza da escolha consciente e deliberada do destino por parte da alma não está presente.

Enquanto Platão enfatiza um processo ativo e consciente de seleção do destino, a tradição iorubá, como interpretada por Gbadegesin, parece permitir uma margem de indeterminação. Isso abre espaço para diversas interpretações e práticas culturais sobre como o destino se manifesta ao longo das vidas sucessivas. A continuidade do destino na visão iorubá pode ser vista como uma possibilidade, mas não uma certeza, ao contrário da perspectiva platônica onde cada escolha é diretamente informada pelas vidas passadas.

Esse contraste destaca diferentes abordagens sobre o papel da agência individual e da experiência acumulada no destino das almas. Platão oferece uma visão onde o destino é moldado e remoldado continuamente através de escolhas conscientes, sublinhando uma progressão moral linear. Por outro lado, a filosofia iorubá, com sua ambiguidade sobre a continuidade do destino, pode refletir uma percepção mais cílica ou renovadora da existência, onde cada vida pode representar um novo começo ou uma continuidade, dependendo das interpretações culturais e individuais.

Assim, a comparação entre Platão e a filosofia iorubá sobre a reencarnação e o destino revela não apenas diferentes entendimentos filosóficos, mas também distintas práticas culturais e religiosas que moldam a percepção do ciclo de vidas. A análise dessas diferenças permite uma compreensão mais profunda de como diversas culturas lidam com as questões fundamentais da existência, da moralidade e do propósito da vida humana.

Nos terreiros de Candomblé, essa questão é abordada através de práticas rituais contínuas que reafirmam a identidade e o destino individual em cada vida. Para pessoas trans, isso significa que suas identidades de gênero, como expressões de seu Ori, são continuamente reconhecidas e honradas através das vidas, reafirmando a importância do destino escolhido ou recebido em cada encarnação.

Os versos do Odu Òsá Méjì refletem a dualidade entre escolha e predestinação presente na filosofia iorubá.

Òsá Méjì

1. Bí ó bá se pé gbogbo orí gbogbo ní í sun pósí
2. Ìrókò gbogbo ìbá ti tán n'ígbó
3. A díá fún igba eni

4. Tí n̄ ti Ìkòlé òrun bò wá sí t'ayé
5. Bí ó bá se pé gbogbo or'i gbogbo ní í sun pósí
6. Ìrókò gbogbo ìbá ti tán n'ígbó
7. A díá fún Òwèrè
8. Tí n̄ ti Ìkòlé òrun bò wà sí t'ayé
9. Òwèrè là n̄ já
10. Gbogbo wa
11. Òwèrè là n̄ já
12. Eni t'o yan'ri rere kò wópò
13. Òwèrè là n̄ já
14. Gbogboo wa
15. Òwèrè là n̄ já

Tradução:

1. Se todos os homens fossem destinados a serem enterrados em caixões,
2. A árvore Ìrókò seria extinta na floresta.
3. Foi jogado Ifá para duzentos homens,
4. Que estavam vindo do céu para a terra.
5. Se todos os homens fossem destinados a serem enterrados em caixões
6. A árvore Ìrókò seria extinta na floresta
7. Foi jogado Ifá para "a luta"
8. Que estava vindo do céu para a terra
9. Nós estamos apenas lutando
10. Todos nós
11. Nós estamos apenas lutando
12. Aqueles que escolheram "um bom destino" não são muitos
13. Nós estamos apenas lutando
14. Todos nós
15. Nós estamos apenas lutando

Eles sugerem que, embora todos enfrentem lutas e desafios, a natureza e a qualidade desses desafios variam conforme o destino individual, determinado pelo Ori. A ênfase na luta contínua ressalta a crença iorubá de que, apesar da predestinação, as ações humanas (como os sacrifícios e as consultas a oráculos) podem influenciar o desenrolar do destino. Esta visão otimista e prática, como discutida por Gbadegesin, é

evidente nos versos que destacam a possibilidade de intervenção espiritual para mitigar os aspectos adversos do destino.

Os versos do Odu Òsá Méjì, quando analisados através do prisma da filosofia iorubá do destino, revelam uma compreensão profunda da condição humana, onde a luta e a diversidade dos destinos são centrais. Eles ecoam a crença na importância da responsabilidade individual e da possibilidade de influenciar o próprio destino através de ações espirituais e práticas, oferecendo uma visão rica e complexa que se aplica à vida nos terreiros de Candomblé e à aceitação das identidades trans como expressões legítimas e sagradas do Ori.

A interpretação desses versos também possui implicações culturais e espirituais profundas. Nos terreiros de Candomblé, essa luta contínua e a busca por alinhar-se com o destino escolhido ou atribuído são refletidas nas práticas e rituais diários. A vivência trans nos terreiros, deveria ser uma manifestação dessa busca por alinhamento com o Ori. A aceitação e o respeito às identidades de gênero, incluindo a transgeneridade, podem ser vistas como partes integrantes e predestinadas do destino individual, reforçando a importância de honrar e celebrar a diversidade das experiências humanas.

Com isso, indubitavelmente, o destino (Àyànmó) é uma combinação de escolhas conscientes e atribuições divinas, o que implica uma interseção complexa entre agência individual e predestinação. Akúnlèyàn sugere uma escolha ativa do destino, enquanto Akúnlégbà implica uma recepção passiva, destacando a inevitabilidade de certos aspectos da vida determinada por forças superiores. Essa agência individual refere-se à capacidade dos indivíduos de agir de forma independente e fazer suas próprias escolhas, moldando assim suas vidas e influenciando suas comunidades. Esse conceito é particularmente revelador quando aplicado à vivência trans nas comunidades de terreiros e à escolha do destino na cosmopercepção⁷ iorubá.

⁷ O conceito de cosmopercepção, desenvolvido pela filósofa nigeriana Oyérónké Oyéwùmí, representa uma importante alternativa epistemológica ao termo "cosmovisão" (Weltanschauung). Enquanto cosmovisão privilegia o sentido da visão como forma primária de compreensão do mundo - refletindo um viés ocidental que prioriza o visual - a cosmopercepção reconhece a multiplicidade de formas sensoriais e corporais através das quais diferentes culturas apreendem e interpretam a realidade. Esta mudança conceitual é particularmente relevante para o estudo de sociedades africanas e outras culturas não-ocidentais, onde o conhecimento e a experiência do mundo frequentemente envolvem uma integração complexa de diferentes sentidos, incluindo audição, tato, olfato e propriocepção, além da dimensão visual. Na cultura iorubá, por exemplo, o conhecimento é frequentemente transmitido através de formas orais-aurais, ritmos corporais, e experiências sensoriais múltiplas que não podem ser reduzidas à visualidade.

Nas comunidades de terreiros, a agência individual é (ou pelo menos deveria ser) um elemento vital na vivência de pessoas trans. Esses espaços religiosos e culturais deveriam oferecer um refúgio onde as pessoas trans pudessem afirmar suas identidades de gênero de maneira autêntica e respeitada. Através da agência, indivíduos trans expressariam suas identidades e se engajariam espiritualmente, encontrando aceitação e reconhecimento que frequentemente lhes são negados em outros contextos sociais.

A estrutura inclusiva dos terreiros e o respeito a Àkúnlèyán e Àkósílé deveriam permitir que pessoas trans exercitem sua agência de maneiras que vão além da mera sobrevivência, que seus corpos façam parte do terreiro. Que não necessitem deixar as suas identidades de gênero para fora do portão que é limítrofe do terreiro à sociedade não religiosa. A aceitação do corpo trans nesses espaços vai além da mera tolerância; é uma celebração da pluralidade da existência humana e espiritual. Assim, participariam ativamente na vida religiosa, ajudando e assumindo papéis de liderança, além de moldarem as práticas e valores da comunidade. Este exercício de agência não só fortalece suas identidades, mas também desafia e transforma as normas sociais, criando um ambiente mais acolhedor para todos os membros.

A escolha do destino, conforme a cosmopercepção iorubá, acrescenta uma camada adicional de profundidade à compreensão da agência individual. Acreditando-se que o destino (ou "Ori") é algo que pode ser contínuo ou renovado a cada reencarnação, dependendo das interpretações culturais e individuais, implicaria que, ao nascer, cada pessoa tem um destino traçado, mas também possui a capacidade de influenciá-lo através de suas ações e escolhas. Desta maneira, para pessoas trans, ao exercer sua agência, elas não apenas moldam suas próprias vidas, mas também atuam sobre seu destino. As escolhas que fazem, as lutas que enfrentam e as conquistas que celebram são vistas como partes integrantes de um caminho espiritual que já haviam sido escritos e determinados.

Essa interação dinâmica entre agência e destino reflete uma visão complexa e rica da vida espiritual e social. Pessoas trans nas comunidades de terreiros demonstram que, mesmo dentro das estruturas de destino culturalmente determinadas, há espaço para a expressão individual e para a transformação pessoal. A agência permite que elas naveguem suas vidas com autonomia e propósito, enquanto a crença no destino oferece uma moldura espiritual que reconhece e valoriza suas experiências.

É dessa maneira que o entendimento do destino é fundamental para compreender a transgeneridade nos terreiros de Candomblé, onde as identidades de gênero são frequentemente vistas como expressões do Ori escolhido ou recebido.

Nos terreiros de Candomblé, o respeito às decisões do Ori e ao destino individual é fundamental, sendo o Ori compreendido como a fonte metafísica do destino e da identidade. Embora a identidade de gênero possa ser interpretada como parte importante do destino individual dentro dessa perspectiva cosmológica, é essencial lembrar que as identidades de gênero são culturalmente definidas e não são inherentemente reconhecidas como elementos constitutivos na cosmologia iorubá tradicional. Oyewùmí (2021), por exemplo, argumenta que as diferenças bioanatômicas, incluindo gênero, não são determinantes de identidade na Iorubalândia, sendo o Ori desprovido de sexo ou gênero. Assim, os rituais como o Ebóri não necessariamente reafirmam identidades de gênero específicas, mas podem ser lidos como momentos de harmonização e fortalecimento da conexão entre o indivíduo e seu destino. Nessa interpretação, o acolhimento das identidades de gênero diversas emerge como uma responsabilidade ética e comunitária contemporânea, mais do que uma afirmação tradicional explícita no contexto do Candomblé.

Gbadegesin também destaca a possibilidade de modificar aspectos do destino através de ações práticas, como sacrifícios e consultas a oraculistas. Essa flexibilidade permite que indivíduos trans nos terreiros de Candomblé encontrem maneiras de ajustar e realçar seus destinos em conformidade com suas identidades de gênero, buscando sempre o alinhamento com as forças espirituais que governam a existência. A crença na capacidade de intervenção espiritual e na modificação do destino é uma manifestação de uma visão otimista e prática em relação à vida, onde a identidade de gênero é uma expressão legítima e respeitada do Ori não precisando isolá-la, mas respeitá-la.

A interconexão de destinos individuais dentro da comunidade é outro aspecto central da filosofia iorubá que se reflete na vida dos terreiros de Candomblé. Os destinos individuais são vistos como entrelaçados, refletindo a natureza comunitária da vida iorubá. Nos terreiros, essa interconexão deveria promover um ambiente de suporte mútuo e aceitação, onde a diversidade de identidades de gênero é não apenas tolerada, mas celebrada como parte da riqueza espiritual da comunidade. O respeito pelo Ori de cada indivíduo reforça a coesão social e espiritual, garantindo que todos os membros, independentemente de sua identidade de gênero, sejam honrados e respeitados.

A crença na reencarnação e na imortalidade da alma na filosofia iorubá levanta questões sobre a continuidade ou renovação do destino em vidas subsequentes. Gbadegesin sugere que a visão tradicional não resolve claramente se o destino é contínuo ou se cada reencarnação implica um novo destino. Nos terreiros de Candomblé, essa

questão deveria ser abordada através de práticas rituais contínuas que reafirmam a identidade e o destino individual em cada vida. Para pessoas trans, isso significa que suas identidades de gênero, como expressões de seu Ori, são continuamente reconhecidas e honradas através das vidas, reafirmando a importância do destino escolhido ou recebido em cada encarnação.

A racionalidade da crença no destino é um tema crucial discutido por Gbadegesin, que argumenta que, embora a crença possa fornecer sentido e consolo, ela deve ser filosoficamente avaliada quanto à sua coerência, consistência com outras crenças e compatibilidade com a realidade prática. Nos terreiros de Candomblé, seria ideal que essa avaliação fosse feita através da prática diária e da vivência espiritual, onde a identidade de gênero é vista como uma manifestação sagrada e legítima do destino individual.

É com parcimônia que reitero: a interseção entre os conceitos de destino, Ori e transgeneridade nos terreiros de Candomblé deveria revelar uma abordagem integradora e respeitosa às identidades de gênero. A filosofia iorubá, com sua ênfase na escolha e atribuição do destino, oferece um “framework” robusto para entender e valorizar a diversidade de experiências humanas.

Conclusão

A análise da relação entre o conceito iorubá de Àkúnlèyán e a inclusão de pessoas transgênero no Candomblé evidencia uma complexa interseção entre tradição, identidade e adaptação religiosa. Este estudo demonstrou que a cosmopercepção iorubá, particularmente através dos conceitos de destino e Ori, oferece fundamentos teóricos e filosóficos capazes de sustentar uma maior inclusão e aceitação de pessoas transgênero nos terreiros de Candomblé.

O conceito de Àkúnlèyán, que remete à escolha do destino antes do nascimento, apresenta implicações profundas para a compreensão da identidade de gênero no contexto religioso afro-brasileiro. Estudos de Oyewùmí (2021) e Bastide (1971) mostram que as categorias rígidas de gênero não eram centrais na organização social iorubá original, mas sim introduzidas pelo colonialismo. Essa constatação histórica sugere que a resistência à inclusão transgênero em alguns terreiros reflete valores coloniais incorporados, em vez de princípios autênticos da tradição africana.

O Ori, entendido como portador do destino individual, destaca-se como um elemento crucial na discussão sobre inclusão. Segundo Gbadegesin (1998), o Ori transcende categorizações binárias de gênero, sendo uma essência espiritual que define o destino e a identidade de cada pessoa. Essa perspectiva legitima as identidades transgênero como expressões autênticas e sagradas do destino escolhido ou recebido no plano espiritual. Como afirma Nascimento (2019), o Candomblé nasce no Brasil como uma experiência entremundos, configurando-se como uma reconstrução com elementos africanos e indígenas brasileiros. Esta característica fundamental permite compreender que muitas das resistências à inclusão trans podem refletir mais valores coloniais incorporados do que princípios autênticos da tradição africana. A tradição do Candomblé não apresenta originalmente uma divisão rígida de gênero como a imposta pelo pensamento colonial ocidental.

A análise do Odu Òsá Méjì reforça a ideia de que cada indivíduo segue seu próprio caminho predestinado, sugerindo que a identidade de gênero deve ser reconhecida como parte integral do destino humano. Essa visão demanda o mesmo respeito e reconhecimento que outros aspectos da experiência individual recebem no Candomblé.

Além disso, movimentos contra-hegemônicos dentro das comunidades de terreiro têm promovido diálogos essenciais sobre inclusão e adaptação das tradições. Conforme Santos e Dallapicula (2020), essas iniciativas vêm ampliando a conscientização sobre a importância de integrar a diversidade de gênero nos espaços religiosos afro-brasileiros, mantendo a essência dos fundamentos religiosos.

Contudo, desafios significativos persistem. A estrutura hierárquica dos terreiros, tradicionalmente organizada em torno de concepções binárias de gênero, ainda enfrenta resistências para integrar plenamente pessoas transgênero em papéis de liderança e rituais específicos. Lemos (2019) argumenta que essa exclusão não apenas marginaliza indivíduos, mas também empobrece a comunidade religiosa ao limitar o acesso a perspectivas e experiências diversas.

A literatura disponível aponta que o caminho para maior inclusão passa pela descolonização do pensamento religioso afro-brasileiro. Birman (2005) e Mendes e Silva (2020) destacam que muitas das restrições enfrentadas por pessoas transgênero refletem valores ciscentrados da sociedade dominante, em vez de fundamentos africanos genuínos.

Portanto, que o conceito de Àkúnléyán, aliado a outros elementos da filosofia iorubá, oferece bases sólidas para práticas religiosas mais inclusivas e respeitosas às identidades transgênero. A fidelidade à tradição africana pode exigir abertura à

transformação e adaptação, reconhecendo que a diversidade de gênero é intrínseca à experiência humana e merece espaço sagrado nos terreiros.

Para que essa visão se concretize, será necessário investir em diálogo, educação e reestruturação dos modelos tradicionais. Conforme Pantoja (2022), é fundamental equilibrar o respeito às tradições com as demandas contemporâneas de justiça social e inclusão. Essa transformação tem o potencial de aprofundar a prática dos princípios fundamentais da cosmovisão africana, demonstrando que a inclusão transgênero não ameaça a tradição, mas enriquece sua expressão.

Desta maneira, o estudo da relação entre Àkúnléyán e a inclusão transgênero no Candomblé contribui para debates mais amplos sobre diversidade de gênero nas religiões afro-brasileiras e ilustra como tradições religiosas podem evoluir para atender às demandas contemporâneas sem perder sua essência espiritual. Essa adaptação, ancorada na filosofia iorubá, pode inspirar outras comunidades religiosas a equilibrar tradição, inclusão e justiça social de maneira harmoniosa e transformadora.

Referências

- ABIMBOLA, Wande. *Sixteen Great Poems of Ifá*. Paris: UNESCO, 1976.
- ADEOYE, C. L. *Àsà àti Ise Yorùbá*. Ibadan: Oxford University Press, 1979.
- ANIZOBA, Emmanuel Kaanaene. *Odinani: the igbo religion*. Trafford Publishing, 2008.
- BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BIRMAN, P. “Transas e Transes: Sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôô”. *Revista Estudos Feministas*, 13(2), 403. 2005.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GBADEGESIN, Segun. *African Philosophy: traditional Yoruba philosophy and contemporary African realities*. New York: Peter Lang, 1998.
- GYEKYE, Kwame. *An Essay on African Philosophical Thought: the Akan conceptual scheme*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HALLEN, Barry. *The Good, the Bad, and the Beautiful: discourse about values in Yoruba culture*. Bloomington: Indiana University Press, 2000.
- IDOWU, Bolaji E. *Olodumare: God in Yoruba Belief*. London: Longman, 1962.
- LEMOS, Leandro de. “Transgressão e tradição: desafios da inclusão de identidades trans no Candomblé”. *Revista de Estudos Afro-brasileiros*, v. 12, n. 2, p. 145-162, 2019.
- MAKINDE, Moses A. *A Philosophical Analysis of the Yoruba Concepts of Ori and Human Destiny*. Ile-Ife: University of Ife Press, 1984.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do Tempo Espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o reinado do rosário do jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997

- MENDES, Renata; SILVA, Tainá. “A exclusão das identidades trans nos terreiros de Candomblé: um estudo sobre preconceito e tradição”. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 5, n. 3, p. 89-104, 2020.
- NASCIMENTO, Eliane. “O peso da tradição: desafios da inclusão trans no Candomblé”. *Afro-Ásia*, v. 57, p. 223-247, 2019.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. "Transgeneridade e Candomblés: Notas para um debate". *Revista Calundu*, Vol.3, n.2, Jul-Dez, 2019.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Oyèrónké Oyéwùmí: potências filosóficas de uma reflexão. *Problemata: International Journal of Philosophy*, v. 10, n. 2, p. 8-28, 2019.
- NOGUERA, Renato; BENEDETO, Ricardo Matheus. “Educação, filosofia e afrocentricidade”. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, v. 1, p. 1-3, 2019.
- OYÉWÙMÍ, Oyèrónké. *A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução de wanderson flor do nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 324 p. ISBN 9786586719499.
- PARRINDER, Geoffrey. *African Traditional Religion*. London: Hutchinson University Library, 1954.
- PANTOJA, Gabriel. “Discursos de exclusão e inclusão no Candomblé: a transgeneridade como identidade espiritual”. *Revista Brasileira de Estudos da Religião*, v. 13, n. 2, p. 215-234, 2022.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- SALAMI, A. *Philosophy and Culture: essays in honour of professor Olusegun Oladipo*. Ibadan: Hope Publications, 1991.
- SANTOS, Juarez; DALLAPICULA, Marcelo. “Gênero e religião: desafios contemporâneos para o Candomblé”. *Revista de Ciências Sociais*, v. 16, n. 1, p. 102-120, 2020.
- SANTOS, Sérgio. *Hierarquia e Gênero no Candomblé: um estudo sobre a organização interna dos terreiros*. São Paulo: Annablume, 2008.

Recebido em: 02/09/2024

Aceito em: 03/01/2025